

CARAMBAIA

DEVANEIOS OCIOSOS DE UM DESOCUPADO

JEROME K. JEROME

TRADUÇÃO E POSFÁCIO
JAYME DA COSTA PINTO

9	PREFÁCIO DO AUTOR	69	DE CÃES E GATOS
11	DO ÓCIO	82	DA TIMIDEZ
19	DO AMOR	91	DOS BEBÊS
29	DO AZEDUME	100	DA COMIDA E DA BEBIDA
35	DA PRIVAÇÃO	110	DO APARTAMENTO MOBILIADO
42	DA VAIDADE E DAS VAIDADES	121	DAS ROUPAS E DOS MODOS
51	DA BATALHA COTIDIANA	131	DA MEMÓRIA
59	DO CLIMA	147	POSFÁCIO

POR JAYME DA COSTA PINTO

Ao queridíssimo e amado
amigo
dos dias prósperos e dos
malditos também

—

Ao amigo
que, por mais que eu
lhe abafe a chama,
jamais busca vingança

—

Ao amigo
que, tendo de mim
discordado tantas
vezes no início de nosso
relacionamento, acabou
por se revelar meu
parceiro mais próximo

—

Ao amigo
que, tratado com frieza
inequívoca por todos
os membros do sexo
feminino da família, e
olhado com desconfiança
até por meu próprio cão,
ainda assim se mostra
cada dia mais atraído
por mim e, em troca, a
cada dia me impregna
mais e mais com a aura
perfumada de sua amizade

—

Ao amigo
que nunca me aponta
as falhas, nunca pede
dinheiro emprestado e
nunca fala de si mesmo

—

Ao companheiro
das horas de ócio, alívio
para meus sofrimentos,
ao confidente de minhas
alegrias e esperanças

—

Meu mais antigo e constante
cachimbo,
dedico,
com gratidão e afeto,
este pequeno volume.

PREFÁCIO DO AUTOR

Depois que um ou dois amigos a quem mostrei o manuscrito destes textos observaram que não eram nada maus, e alguns parentes chegaram mesmo a prometer comprar o livro, caso um dia fosse publicado, sinto que não tenho o direito de adiar mais seu lançamento. Não fosse por essa, digamos, demanda toda, eu talvez não ousasse oferecer estes humildes “devaneios ociosos” para saciar o apetite mental dos povos anglófonos do planeta. O que os leitores hoje em dia buscam em um livro é que sirva para aperfeiçoar, instruir e edificar. Este livro falha nas três frentes. Não posso em sã consciência recomendá-lo para qualquer propósito útil. Tudo o que posso sugerir é que, ao se cansar de ler “os cem melhores livros da história”, o leitor possa dedicar meia hora a este volume. Experimentará uma mudança e tanto.

DO ÓCIO

Taí um assunto de que me orgulho de conhecer como poucos. O cavaleiro que, na minha juventude, me banhou na fonte da sabedoria em troca de 9 guinéus por semestre — sem direito a extras — afirmava jamais ter conhecido um garoto que precisasse de tanto tempo para produzir tão pouco; e me lembro ainda de minha pobre avó, certa vez, enquanto nos instruía sobre como usar o missal, deixar escapar que seria altamente improvável que eu fizesse algo que não devesse, mas que ela estava absolutamente convencida de que eu deixaria intocado tudo que, de fato, fosse recomendável que eu fizesse.

Receio ter desvirtuado um pouco a profecia da doce velhinha. Que Deus me perdoe! Fiz muitas coisas que não deveria, apesar da preguiça, mas confirmei com louvor a previsão de minha avó no que diz respeito a negligenciar

muito do que não deveria ter negligenciado. O ócio sempre foi o meu forte. E não reclamo crédito pessoal nesse assunto — trata-se de um dom. É para poucos. Há muito preguiçoso no mundo, muito marcha-lenta, mas um ocioso legítimo é coisa rara. Não é o sujeito que anda por aí, passos arrastados, mãos metidas nos bolsos. Ao contrário, a característica mais surpreendente do ocioso é estar sempre ocupadíssimo.

É impossível desfrutar do ócio quando não estamos diante de uma pilha de trabalho. Não há graça em não fazer nada quando não há nada para fazer. Jogar tempo fora passa a ser apenas mais uma ocupação, e das mais exaustivas. O ócio, como o beijo, é mais gostoso quando é roubado.

Há décadas, quando ainda jovem, fiquei muito doente — nunca consegui decifrar o que havia realmente de errado comigo, só que parecia uma gripe dessas arrasa-quarteirão. Mas deduzo que tenha sido algo muito sério, pois o médico anunciou que eu deveria tê-lo procurado um mês antes, e que, se o mal (fosse o que fosse) se estendesse por mais uma semana, ele não teria respondido pelas consequências. É uma coisa extraordinária mesmo, nunca conheci um médico que, chamado para um atendimento, não afirmasse que o atraso de mais um dia teria eliminado todas as chances de cura. O médico, que é também nosso guia, filósofo e amigo, é como o herói dramático — sempre entra em cena na hora certa, e só na hora certa. Providência em forma de homem é o que ele é.

Bom, retomando, eu estava muito doente e o médico me mandou passar um mês em Buxton com ordens expressas de não fazer nada enquanto estivesse por lá. “Repouso é o que seu caso exige”, disse o médico, “repouso absoluto”.

A perspectiva era maravilhosa. “Esse homem obviamente entende o meu problema”, pensei, já imaginando uma temporada gloriosa — quatro semanas de *dolce far niente* com uma pitada de mal-estar. Não muito, claro, só o suficiente para dar à doença um quê de sofrimento e torná-la poética. Eu acordaria tarde, tomaria um gole de chocolate e receberia o café da manhã de pantufas e roupão.

Depois me largaria numa rede, no jardim, leria romances sentimentais com final melancólico até os livros me caírem da mão e permaneceria ali, reclinado, fitando oniricamente o azul-escuro do firmamento, observando as nuvens, romãs de lã flutuando feito navios de velas brancas pelas profundezas do céu e ouvindo o canto alegre dos pássaros e o farfalhar baixo das folhas das árvores. Ou, se me sentisse fraco demais para sair de casa, eu me sentaria diante da janela aberta, apoiado em almofadas, e exibiria uma aparência debilitada mas interessante, e arrancaria suspiros sentidos das moças bonitas que por ali passassem.

E duas vezes por dia eu seria levado em uma cadeira de rodas até o local das termas, passando pela colunata, para beber as águas medicinais. Oh, aquelas águas! Eu nada sabia sobre elas na época, e me encantei com a ideia. “Beber das águas” soava elegante, algo que a rainha Anne faria, e achei que só poderia gostar. Mas, argh!, depois das primeiras três ou quatro manhãs! A descrição de Sam Weller, que aponta o gosto morno, “de ferro de engomar”, daquelas águas dá apenas uma vaga ideia do seu sabor horroroso e nauseante. Se existe algo capaz de fazer um doente sarar rapidamente, é saber que precisará beber um copo cheio daquela água todos os dias até ficar bom. Eu bebi por seis dias consecutivos e quase morri; mas depois disso adotei a tática de entornar um bom copo de conhaque com água imediatamente depois de ingerir a tal água, e isso me trouxe imenso alívio. Desde então, vários médicos importantes me relataram que o álcool deve ter neutralizado completamente os efeitos das propriedades ferruginosas da água termal. Que sorte a minha ter encontrado o remédio certo.

Mas “beber das águas” foi só uma pequena parte da tortura que experimentei naquele mês inesquecível — um mês que foi, sem dúvida, o mais infeliz da minha vida. Na maior parte do tempo, segui à risca as ordens do médico e não fiz absolutamente nada, a não ser vagar pela casa e pelo jardim, e sair duas horas por dia na cadeira de rodas para visitar as termas. E essa movimentação de certa

forma quebrou a monotonia. Ser conduzido numa cadeira de rodas — sobretudo quando não se está acostumado com esse divertidíssimo exercício — é mais emocionante do que pode parecer a um observador desavisado. Uma sensação de perigo, inalcançável para alguém de fora, invade a mente do ocupante. Ele se sente convencido a cada instante de que aquela traquitana está prestes a capotar, convicção que se torna especialmente viva sempre que uma valeta ou um trecho de estrada recém-pavimentado surge à frente. Para o passageiro da cadeira, todos os veículos ao redor irão atropelá-lo; e ele nunca se pega subindo ou descendo uma ladeira sem logo começar a especular sobre suas chances na hipótese — extremamente provável — de o sujeito de joelhos lesionados que controla seu destino soltar as mãos da cadeira.

Mas até mesmo essa diversão deixou de me animar depois de algum tempo, e o *ennui* tornou-se absolutamente insuportável. Senti meu espírito ceder. Não é um espírito forte, e calculei que não seria prudente exigir muito dele. Então, por volta da vigésima manhã, acordei cedo, tomei um bom café da manhã e caminhei direto para Hayfield, ao pé do Kinder Scout — uma cidadezinha agradável e movimentada, a que se chegava percorrendo um vale adorável e onde moravam duas mulheres lindas e gentis. Ou pelo menos eram lindas e gentis então; uma passou por mim na ponte e, acredito, sorriu; e a outra estava em pé no vão de uma porta aberta, fazendo um investimento sem muito retorno em beijos desferidos em um bebê de rosto corado. Mas isso foi há anos; atrevo-me a dizer que de lá para cá ambas se tornaram gordas e rabugentas. No caminho de volta, vi um velho quebrando pedras, e isso despertou em mim um desejo tão forte de exercitar os braços que lhe ofereci uma bebida em troca de poder ocupar seu lugar. O velho era boa-praça e acolheu meu capricho. Parti para cima das pedras com a energia acumulada de três semanas e trabalhei mais em meia hora do que ele o dia todo. Mas isso não o incomodou.

Tendo já me jogado de cabeça, decidi me entregar de vez à intemperança, saindo para longas caminhadas pelas

manhãs e ouvindo a banda tocar no pavilhão à noite. Mas os dias ainda custavam a passar, apesar de tudo, e me peguei genuinamente feliz quando chegou a hora de deixar Buxton e sua população de gotosos e tísicos e rumar para Londres, terra de trabalho árduo e vida dura. Olhei pela janela da caruagem enquanto passávamos por Hendon à noite. O clarão lúgubre que pairava sobre a poderosa cidade pareceu aquecer meu coração, e quando, mais tarde, partimos ruidosamente da estação de St. Pancras, o velho rugido familiar que se assomou em torno de mim soou como a música mais doce a me encher os ouvidos em muitos dias.

Definitivamente não apreciei o ócio daquele mês. A ociosidade me é cara quando não me é devida; não quando é a única coisa que tenho para fazer. Sou teimoso, é da minha natureza. O momento em que mais gosto de ficar parado, com as costas para o fogo e calculando o quanto devo pros outros, é aquele em que sobre minha mesa ergue-se uma pilha piramidal de cartas a serem postadas no próximo malote. Gosto de me demorar à mesa do jantar justo quando tenho pela frente uma noitada pesada de trabalho. E se, por uma urgência qualquer, preciso acordar excepcionalmente cedo de manhã, é aí, mais do que em qualquer outra ocasião, que adoro esticar mais meia horinha na cama.

Ah! Que delícia virar pro lado e dormir de novo: “só cinco minutinhos”. Será que existe algum ser humano, eu me pergunto, além do herói de um “conto para meninos” da escola dominical, que se levanta pela manhã de boa vontade? Há homens para os quais acordar na hora certa é uma impossibilidade teórica. Se é às oito horas que deveriam pular da cama, enrolam até oito e meia. Se as circunstâncias mudam e oito e meia passa a ser o horário marcado, então só levantarão às nove. São como o estadista de quem se dizia estar sempre pontualmente meia hora atrasado. Esses indivíduos tentam emplacar todo tipo de esquema. Compram despertadores (dispositivos engenhosos que tocam na hora errada, despertando as pessoas erradas). Pedem a Sarah Jane que bata na porta do quarto e os acorde, e Sarah

Jane, de fato, bate na porta e os chama, ao que respondem, num grunhido, “já vou”, e então redormem gostoso. Conheci um homem que chegava a se desvencilhar dos lençóis e ir direto prum banho frio; mas nem isso adiantava: pulava em seguida de volta pra cama, que é lugar quente.

Falando por mim, acho que até conseguiria me manter fora da cama, sem problemas, uma vez em pé. O que acho difícil mesmo é descolar a cabeça do travesseiro, e nem a firme decisão tomada na véspera facilita a tarefa. Digo a mim mesmo, depois de ter desperdiçado a noite toda: “Bom, chega de trabalho por hoje; vou acordar cedo amanhã”; e fato é que estou determinado a cumprir o trato — no momento em que o enuncio a mim mesmo. Pela manhã, porém, o entusiasmo com a ideia diminuiu consideravelmente e penso que teria sido muito melhor se eu tivesse dado cabo das tarefas na noite anterior. E ainda tem a questão do que vestir, e quanto mais se pensa nisso, mais se quer adiar esse entrevero todo.

Coisa estranha, a cama, esse simulacro de sepultura em que esticamos nossos membros cansados e imergimos, silenciosamente, no silêncio e no repouso. “Ó leito, ó leito, leito maravilhoso, paraíso terreno onde o espírito alquebrado repouso”, como cantava o pobre Hood, és feito uma velha e bondosa ama que nos acolhe, meninos e meninas assustados. Espertos e tolos, travessos e comportados, a todos nos abraças em teu colo maternal e apaziguas nosso soluçar. O homem forte mas que requer cuidados, o homem doente e cheio de dores, a donzela que chora pelo amante infiel — feito crianças, deitamos todos a cabeça atormentada em teu seio e tu, carinhosamente, embalas-nos e conduzes-nos até o sono.

Nosso problema piora sobremaneira quando te afastas e te absténs de nos consolar. Como parece distante a aurora quando não conseguimos dormir! Oh! Aquelas noites tenebrosas em que nos reviramos sem parar, febris, em dor, estirados como vivos entre os mortos, mirando arregalados as horas lúgubres que se arrastam, morosas, entre nós e a primeira luz do dia. E oh! Aquelas noites ainda mais

terríveis, em que nos sentamos ao lado de um enfermo, e o fogo baixo da lareira nos assusta vez por outra quando caem as brasas, e em que o tique-taque do relógio ressoa feito martelo a extrair a pancadas a vida da pessoa velada.

Mas chega de camas e quartos. Já lhes dediquei tempo demais, mesmo para um cultuador do ócio. Vamos sair, fumar um cigarro. Além de ser uma atividade igualmente legítima para desperdiçar tempo, tem a vantagem de não passar impressão tão ruim. Os ociosos temos no tabaco uma bênção. É difícil imaginar como funcionários públicos ocupavam o espírito antes de *sir* Walter. Atribuo a natureza belicosa dos jovens na Idade Média inteiramente à falta da erva calmante. Esses moços não tinham nada a fazer e tampouco podiam fumar; resultado: passavam o tempo se digladiando e discutindo. Se, por extraordinária eventualidade, não houvesse guerra em andamento, eles então desenterravam alguma rivalidade mortal com o vizinho; e se, apesar dessa movimentação toda, ainda lhes sobrasse algum tempo livre, era logo ocupado com arengas sobre quem tinha a mais bela namorada, e a lista de argumentos empregados pelos envolvidos incluía machados de guerra, porretes etc. As questões de gosto solucionavam-se num estalo. Quando um jovem do século XII se apaixonava por uma moça, não dava três passos para trás olhando fixamente em seus olhos e dizia que era linda demais da conta. Em vez disso, ele saía pra resolver a questão lá fora, na rua. E se, ao sair, topasse com outro homem e rachasse sua cabeça — a cabeça do outro homem, digo —, então isso provava que a garota dele — do primeiro sujeito — era bonita. Mas, se fosse o outro a rachar sua cabeça — não a própria, claro, mas a do outro —, o outro sujeito em relação ao segundo sujeito, isto é, porque é claro que o outro sujeito seria apenas o outro em relação a ele, não o primeiro sujeito que — bem, se ele quebrasse sua cabeça, então a garota dele — não a do outro sujeito, mas do sujeito que era... Bom, já deu: se A rachasse a cabeça de B, então a garota de A era bonita; mas, se B rachasse a cabeça de A, então a garota de A não era bonita. Assim se dava a crítica estética naqueles tempos.

Hoje em dia acendemos um cachimbo e deixamos que as moças se peguem entre si.

E o fazem muito bem. Encarregam-se de todo o nosso trabalho. São médicas, advogadas e artistas. Administram teatros, aplicam golpes e editam jornais. Anseio pelo dia em que nós, homens, nada teremos a fazer além de ficar na cama até a hora do almoço, ler dois romances por dia, tomar um chazinho às cinco e ocupar a mente com assuntos que não nos cansem demais, como a última moda em calças ou o tecido de que é feito o casaco do sr. Jones — e se, afinal, a peça lhe cai bem. Que perspectiva gloriosa. Para nós, ociosos.

DO AMOR

O leitor já se apaixonou, claro! Se ainda não aconteceu, é questão de tempo. O amor é como o sarampo, todos sofremos com ele um dia. E assim como o sarampo, só nos derruba uma vez. Ninguém precisa ter medo de voltar a se infectar. O homem que já o contraiu pode frequentar os lugares mais perigosos e se arriscar da maneira mais temerária, sempre em perfeita segurança. Pode fazer piqueniques em bosques sombrios, passear por alamedas frondosas e sentar em bancos cobertos de musgo para apreciar o pôr do sol. Adentrar uma pacata casa de campo com a mesma tranquilidade com que o faria em seu próprio clube. Pode se juntar a um grupo de família para um passeio de barco pelo Reno. Pode, para dar adeus a um amigo, aventurar-se por entre as mandíbulas ameaçadoras de uma cerimônia de casamento. Pode manter a cabeça erguida durante o